

Barcelona

Edición xestionada por [Xabier Paradelo](#)

ENTREVISTA CO AUTOR DE "L'AFFICHE ROUGE"

Mario Regueira: "O papel da nosa produción literaria é unha eterna promesa"

A novela preséntase en Barcelona na Galería Sargadelos este sábado 15 coa presenza do autor, nun acto organizado por Espazo Galego. Unha entrevista de **Ângelo Pineda**.

Ângelo Pineda - 17:30 13/09/2007

O sábado 15 de Setembro terá lugar às 18:00, na Galería Sargadelos de Barcelona (Carrer Provença 276) e organizado polo Espazo Galego dos Países Cataláns, a presentación do romance [L'affiche rouge](#) (ed. Xerais). Apresentação que contará con a presenza do seu autor, o ferroláño Mario Regueira; quem exporá a súa visom do primeiro romance da súa autoría.

Mario Regueira publicou, para além do romance, o libro de relatos *Rebelión no inverno* (também em Xerais, 2004), e o poemário *Tanxerina* (Espiral Maior, 2006). Em *L'affiche rouge*, um grupo de jovens galegos "auto-exiliados" na Bretanha, inician-se na vida adulta entre o desencantamento prematuro polas ilusões frustradas, e a necessidade de transgredir a realidade que as frustrou. Falamos com Mário, além da sua obra, em diversas questões literárias e culturais.

Ângelo Pineda: Nom há muito, referiche-te à liberdade como contrapartida positiva à falta de perspectivas de fazer carreira literária na poesia galega. Acontece o mesmo com a narrativa?

Mario Regueira: Em linhas gerais sim, ainda que a narrativa requer um esforço maior, por parte do autor e das editoras, do que a poesia. E também há menos prémios e oportunidades de publicação, polo que o risco de nom poder editar é maior. Seguro que na Galiza há mais novelas nas gavetas do que poemários.

A.P: Em 2004 publicache o libro de relatos *Rebelión no inverno*; em 2006, o poemário *Tanxerina*, que che valeu o Prémio Nacional de Poesia Xose María Pérez Parallé; e nom há muito, saiu do prelo o teu primeiro romance... Em que género te sintes mais cómodo como escritor?

M.R: Nom acredito muito nos géneros para além dum determinado auxílio classificativo, gostaria de escrever cousas que se classificarem a posteriori (e que as classificarem outras pessoas), ainda que é quase inevitável ficar atado a certas inércias umha vez que um projecto determinado vai tomando forma. Em *L'affiche rouge*, por exemplo, o primeiro capítulo na súa primeira versom estivo a piques de converter-se num conto individual; e há algunha parte que, mudando a disposición, passaria por poesia contemporânea; também algum camarada próximo ao mundo do teatro me tem falado da utilidade dramática dalgum capítulo

de diálogos. Em qualquer caso, assumo a criação literária como acto único, e não me sinto mais novelista do que poeta ou dramaturgo.

A.P: No teu romance *L'affiche rouge*, os jovens protagonistas do relato parecem buscar referentes identitários num contexto de alheação do próprio País. Achas que existe esta orfandade de referentes na mocidade galega actual?

M.R: Eu acho que existe o facto de que a maior parte dos referentes são arrebatados nalgum momento; já seja pelos entes comerciais, como por determinadas ideologias. Passou-se com elementos culturais como o folclore, e também com referentes pessoais (a peleja pelos restos de Castelão sempre será um bom exemplo). De todos os jeitos, isto também teve ou está tendo consequências positivas, como a revalorização de referentes marginais próprios ou a procura de figuras internacionais (e internacionalistas).

A.P: Nesta relação dinâmica de construção da personalidade individual e colectiva através da selecção de referentes identitários, não necessariamente nacionais, mas úteis às próprias necessidades de emancipação... Que lugar queda ao que conhecemos como "cultura galega"?

M.R: Acho que toda leitura desses referentes feita desde Galiza é cultura galega; ainda que seria injusto e insuficiente reduzi-la só a isso e negar a importância dos nossos referentes ocultos e marginais, assim como a capacidade de projecção futura de parte dos movimentos sociais e culturais de hoje em dia.

A.P: Em *L'affiche rouge* ofereces uma reinterpretação dos referentes identitários clássicos do galeguismo. É o caso do celtismo exemplificado na Bretanha, onde se desenvolve grande parte do romance. Poderias falar um bocadinho nesta questão?

M.R: Acho que há um certo trauma associado ao celtismo, a prova é que ainda hoje formula debates apaixonados. A postura que pretendo representar na novela é a de que os referentes identitários são uma questão de escolha pessoal e social, não de origem histórica. Neste sentido, o celtismo contrapõe-se e complementa-se, ao tempo, com a presença de figuras como Bob Marley, com um discurso que pode estar mais próximo aos problemas da mocidade galega.

A.P: Mencione Bob Marley. Neste sentido *L'affiche rouge* está cheio de alusões musicais e outras relativas ao que poderíamos denominar "cultura pop". Achas que existe uma leitura "não apocalíptica" da chamada "cultura de massas"?

M.R: Acho que existe aproximadamente até princípios dos 90, antes da última fase do capitalismo selvagem, quando se despojou a cultura de massas, que ainda tinha a sua dimensão social; e se converteu na sua maior parte, num simples produto comercial. Parte da estratégia consistiu na manipulação do legado prévio. Isso evidencia-se, por exemplo, no uso das canções dos Clash para inspirar o exército estadunidense nos bombardeios de Bagdade. Na novela há um momento no qual uma das protagonistas repara na força política das letras de Bob Marley, uma figura que hoje se vende como um ícone dumha rebelião branda e adolescente.

A.P: Uma constante que se manifesta nalguns dos teus relatos e no próprio romance parece ser o desencanto. Quais são para ti as raízes desta desilusão generacional?

M.R: Obviamente políticas; por uma banda, a impossibilidade de Galiza artelhar uma ruptura real e definitiva com a ditadura até há um par de anos, e de impedir o consequente deterioro dos nossos elementos identitários. Num nível pragmático, a impossibilidade de desenvolver um futuro pessoal sem a

sombra do desemprego, a precariedade, a emigração...

A.P: A risco de formular umha questom clássica e tópica, atribuis algumha funçom social à literatura galega? Qual é, segundo a tua opiniom, o papel que tem reservada a nossa produçom literária no contexto de Galiza?

M.R: Acho que a literatura galega deve ter o mesmo papel na Galiza que qualquer outra literatura do mundo no seu lugar de origem. Às vezes, quando se acusa a sua excessiva politização, esquece-se que todas as literaturas do mundo, especialmente as de contextos de opressom, estam politizadas. Creio no paradoxo de que os livros pretendidamente apolíticos som precisamente os mais politizados, porque apostam pola práctica concreta do silêncio e da assunçom dumha situaçom determinada. Isso nom quer dizer que acredite numha “funçom social” de tipo clássico: a principal funçom da literatura é criar histórias e fomentar a reflexom, singelamente é ingénuo pensar que isso poida fazer-se desde umha perspectiva que exclua completamente as questões sociais. A própria escolha dumha língua de expressom já é um primeiro posicionamento político.

O papel da nossa produçom literária é umha eterna promessa, ou na linha de Xurxo Borrazás: os escritores galegos valemos mais mortos do que vivos. Polo de agora, ainda com as pequenas vantagens de liberdade e experimentaçom que oferece viver nas margens, urge multiplicar os leitores das distintas expressões escritas do galego, algo que na Galiza passa mais pola educaçom e a política linguística do que polas campanhas de mercado.